

**14 — FLORA DA ILHA DA TRINDADE E DAS ILHAS  
MARTIM VAZ**

Em capítulos anteriores já nos referimos desde as coordenadas geográficas, área, geologia, edafologia e climatologia até as principais considerações sobre a flora das Ilhas da Trindade e Martim Vaz, agora irei deter-me em descrever a flora que ali encontrei em minha visita no ano de 1939.

---

Todos os visitantes ou cientistas que aportaram na Ilha de Trindade, fizeram referências detalhadas a respeito das dificuldades que se deve passar, afim de alcançar com segurança um desembarque nessa ilha, mas eu não posso atribuir com idénticas palavras, pois, tive sucesso durante todo o tempo que aii permaneci, que foram de 11 dias, sempre com bom tempo e isso permitiu-me trabalhar com sucesso, embora não tivesse tido a felicidade de encontrar todo o material botânico que esperava, mas, de modo geral posso considerá-lo satisfatório. No capítulo 7, Os Biomas do E. E. Santo no tempo de Vasco Fernandes Coutinho, primeiro Donatário dessa Capitania, fiz algumas considerações sobre as expedições científicas que colheram material botânico e zoológico nessas ilhas, citando as datas e apenas apontei os fatores de influência atuantes na sua flora através dos tempos, agora convém dizer um pouco mais a respeito. O fator isolacionismo nessas ilhas oceânicas, distantes 1.100kms. em linha reta do litoral espiritosantense, é considerado favorável as espécies alopátricas, com fundamentos biológicos entre inúmeros fatores, entre outros cito: 1 — As espécies não são populações geneticamente homogêneas, pois indivíduos ha de características morfológicas e fisiológicas variando dentro de limites definíveis. 2 — As espécies consistem as vêzes em uma quantidade grande de biotipos; e êstes estão dispersos uniformemente dentro da população especifica, sinão que se acham mais ou menos concentradas em populações locais, ecotipos e raças geográficas. 3 — As espécies biologicamente distintas devem ser interpretadas e diferenciadas nos estudos ecológicos e geográficos. O isolameno geográfico, favorece a especiação, porém não termina necessariamente nela. Quando o isolamento não mais dá condições de comparar de seus parentes mais próximos é lógico que evolutivamente tudo lhe é favorável, se não existirem fatores e pressões seletivos. Quando sua distribuição é simpátrica devem ter um isolamento reprodutivo ou ecológico; destes só o primeiro, por sua natureza intrínseca, não pode ser salvo. Organismos estreitamente aparentados podem apresentar uma distribuição alopátrica, sem estar por êles reprodutivamente isolados. A velocidade evolutiva depende da ação independente e conjunta de uma série de fatores, tais como a velocidade da mutação, a riqueza da população em genes alelo-morfos, a duplicação de cromosomas, o tamanho da população e variabilidades dos grupos ecológicos; as vicissitudes produzidas pelas mudanças do meio e as migrações concomitantes, e a natureza da pressão seletiva. Existem suposições sobre a existência de ciclos evolutivos ou "crescentes" de mutações, porém não ha provas sobre a existência da velocidade de mutação distinta ou que demonstra que a idade de um tronço filogenético conduz a senilidade desde o ponto de vis-

ta evolutivo.

Outro aspecto importante a ser observado Fitogeograficamente, é a respeito da poliploidia que deve ocorrer com as espécies que estão representadas nas matas do Terciário ou Tabuleiros da Amazônia e do Espírito Santo, Sul da Bahia e Rio de Janeiro; o mesmo em relação às espécies existentes no continente e nas ilhas oceânicas da Trindade e Martim Vaz. Naturalmente que essa verificação, em face da posição geográfica entre as espécies da faixa Equatorial para as Tropicais, estas deverão ser as poliplóides; assim ocorrendo entre o continente e as ilhas oceânicas citadas, estas apresentarão as espécies em poliplóidía. Sabemos de exemplos geográficos das regiões Árticas, em que são poliplóides as espécies situadas mais ao norte. Com relação as espécies insulares, sabe-se que as litorâneas são as que apresentam poliploidia e não as da parte central das ilhas. Tais verificações são de alta importância a serem realizadas, pois são problemas biológicos que estão ligados não só a Fitogeografia e Genética, mas ao problema da Evolução, e, é por passos como êsses da poliploidia em natureza, que se pode hoje afirmar com segurança, que pela ibridação seguida de duplicação, podem aparecer novas espécies perfeitamente estáveis, como afirmou Lotsy.

Outra questão importante, está relacionada entre a poliploidia e nomenclatura taxonômica: numa discussão sobre as relações mútuas entre números cromosômicos, filogênia, sistemática, ecologia e fitogeografia, se apresenta uma questão técnica a respeito da nomenclatura taxonômica que deve ser considerada. Os ecólogos e os fitogeógrafos ao considerarem as relações entre as populações, admitem que uma variedade está subordinada a uma espécie e que deriva desta; no entanto os seus caracteres ecológicos e geográficos são mais convincentes, dadas suas diferenças com as da espécie, diferenças que podem ter sido passadas em consequência da evolução, da pressão do meio ou da seleção, da migração, etc. Todavia, é um fato bem conhecido pelos sistemátas que também ocorre o caso exatamente oposto; é frequente que a primeira forma conhecida recebe o nome específico, pela força das leis de nomenclatura; entretanto é possível que esta forma seja atípica e que a "espécie" verdadeira, descoberta posteriormente receba só um nome subespecífico ou de variedade. Quando uma região litorânea é explorada botanicamente antes que o interior (como ocorreu no Brasil), os primeiros membros de um complexo que se encontram na periferia do mesmo, é uma forma subordinada e derivada da população do interior, pois sabemos que o mar está recuando na costa espiritosantense. Apesar disso, a primeira forma descrita de um grupo se considera como a espécie e as demais formas posteriores como subespécies ou variedades sob

o ponto de vista da nomenclatura. Entretanto o conceito de espécie inclui qualquer unidade subespecífica que se possa reconhecer taxonômicamente. As investigações citológicas têm revelado numerosos casos do efeito pouco feliz que tem a norma conservadora das regras da nomenclatura. Isto demonstra a necessidade de uma revisão na nomenclatura, com bases alicerçadas na filogenética, ecologia e biogeografia. Como estamos é muito provável que inúmeras subespécies e variedades podem ser as verdadeiras espécies. Em zoologia por exemplo, posso afirmar o que se dá e está ocorrendo na revisão que venho procedendo com as Aves da família *Trochilidae*, os beija-flores; onde há tantos casos, em que há espécies, onde estão subespécies e vice-versa, e, em muitos casos mais sérios ainda, tanto em Gêneros como em espécies e subespécies. Na Botânica, o número de tais erros, deve ser muito maior ainda.

A pequena área da Ilha da Trindade, cerca de 11kms<sup>2</sup> e sua topografia acidentada e formação geológica, distribuída em relevos fortes, com rochas em montanhas elevadas e alcantiladas, não concorreram para uma mais variada e rica flora edáfica; não fossem entretanto os muitos vales que ali se formaram, por interferências de fenômenos geomorfológicos e também batidos pelos fatores climáticos, que concorreram para que em tais vales se abrigassem as mais interessantes e típicas espécies botânicas ali encontradas, as demais áreas se limitam as praias e os altiplanos que se encontram entre 150 e trezentos metros, onde alguma vegetação mais importante pode ser observada, uma vez que as encostas alcantiladas muito poucas formas vegetais ali conseguem se fixar. Alijadas às praias encontrei em maior quantidade, as algas: Eutalófitas: *Caulerpa racemosa* (Forsk) Weber var. *occidentalis* J. Ag. e a Feófitas: *Sargassum vulgare* L. Se tivéssemos que obedecer a distribuição da flora por zonação, como adotou Dansereau, para as praias e restingas, estabelecendo seis diferentes Zonações, aqui nas praias da Ilha de Trindade, apenas se consegue sair da praia para a primeira e segunda zonação, pois logo é atingida a rocha, não sendo como comumente ocorre na restinga continental e litorânea. São poucas as espécies endêmicas, mas, entre essas destacam-se *Cyathea copelandii* Kunhn e Luersen e *Cyatea trinidadensis* Brade, ambas encontradas acima de 250 metros de altitude, nos vales ricos de úmidade e também junto as correntes e cascatas. O grande número de troncos de árvores que ainda se pode observar tombados pelas encostas desses vales, em lugares acima de 200 metros, nos leva a crer, terem sido arrancados pela força dos grandes vendavais e temporais que assolam de quando em vez essa ilha, pois, mesmo durante os poucos dias que ali permaneci, pude anotar e assistir um desses temporais, em que a força do vento superava

os 20 ms. por segundo, o que já era suficiente para que em maiores altitudes da ilha, provocasse desmoronamentos e arrancasse as árvores de maior porte que estiveram mais expostas, e realmente no dia seguinte, em lugares onde no dia anterior tinha passado já estava modificado o ambiente e principalmente notei grandes desmoronamentos, com enormes blocos que rolaram para os vales, derrubando e danificando a vegetação que se encontrava em sua direção. Nas enseadas dos Portugueses, da Cachoeira e do Príncipe, notei ainda um razoável tapete vegetal de *Canavalia obtusifolia* DC. aí também chamada feijão da praia, crescendo juntamente com *Ipomoea pes-caprae* (L.) Sweet, denominada vulgarmente de Salsa da praia e *Sporobolus virginicus* (L.) Kunth, denominado capim da praia, as primeiras Psamófitas e a última, Halófito-psamófito, como também aí coletei ainda *Paspalum maritimum* Trim. denominado grama da praia, *Mollugo verticillata* L., e *Euphorbia thymifolia* L., estas mais alguns metros para o interior, seguindo-se *Alternanthera mamitima* St. Hil. denominada vulgarmente de Pau quebra panela. Nos campos próximos de algumas fruteiras e já subindo a encosta coligi: *Sonchus oleraceus* L.; *Bidens pilosa* L., e *Miconia albicans* Trieb., todas ruderais, pois existem muitas outras como: *Ricinus communis* L., conhecida por Mamona, *Eugenia uniflora* L. vulgarmente denominada Pitangueira; *Mentha viridis* L., denominada de Ortelã pimenta; *Cocos nucifera* L. conhecido por côco da Bahia, aliás os exemplares já estavam muito estiolados e provavelmente não iriam resistir por muitos anos; *Terminalia catappa* L. denominada de "Amendoeira"; *Argemone mexicana* L., conhecida pelo nome vulgar de "Cardo santo"; *Pisonia obtusata* Sw. muito comum no continente, próximo das praias; *Waltheria americana* L. conhecida pelo nome vulgar de Veroa; *Verbascum blattarioides* Lam. denominada de vassourinha; *Oxalis corniculata* L. denominada por azedinha, muito encontrada na margem dos filetes de água; *Senebiera pinnatifida* DC. denominada Mastroço; *Leonurus sibiricus* L. denominada Cordão de São Francisco; *Lippia genuina* HBK. denominada Erva cidreira; *Achyrocline disjuncta* Hemsl. denominada Macela; *Dodonaea viscosa* (L. Jacq) var *vulgaris* Benth. denominada Reumatismo; *Taraxacum officinale* Weber. denominada Dente de Leão; *Bixa orellana* L. denominada Urucum; *Sida cordifolia* L. denominada Vassourinha médica; *Ficus carica* L. Figueira. *Triumfetta eriocarpa* St. Hil. denominada Carrapicho da calçada; *Ageratum conyzoides* L. denominada Catinga de bôde; *Acanthospermum hispidum* DC. denominada Picão da praia; *Trichogonia macrolepis* Baker.; *Zea mais* L. Milho cultivado; *Phyllanthus* sp. denominada Pombinha; *Amaranthus* sp. denominada Caruru bravo; quasi todas ruderais, além de outras como: *Chiococca* bra-

chiata R. P. var *acuminata* Mull. Arg. denominada Caringa; *Gnaphalium spathulatum* Lam.; *Solanum nigrum* L. denominada Erva moura; *Caesalpinia bonducella* Roxb. denominada Inimboí ou arriozes; já mais para o alto e no interior da floresta dos vales coletei: *Fimbristylis nesiotis* Hemsl.; *Cyperus atlanticus* Hemsl.; *Elaphoglossum villosum* (Sw.) J. Sm.; *Ophioglossum reticulatum* L.; *Polypodium cinerascens* Lindl.; *Polypodium lepidopteris* Kze.; *Asplenium praemorsum* Sw.; *Asplenium compressum* Sw.; *Asplenium furcatum* Thumb.; *Doryopteris campos-portoi* Brade; *Doryopteris novaeana* Brade.; *Pityrogramma tartarea* (Cav) Max.; e *Trichomanes* sp. sôbre o arbusto de 4,5 metros de altura: *Banara brasiliensis* (Schott) Benth; onde também coletei a única Orchidácea ali existente: *Polystachya estrellensis* Reichb. f.; aliás, observada esta, também sôbre outro arbusto: *Myrrhimum atropurpureum* Schott.; *Bumelia obtusifolia* R. e S. denominada ali de Banana bráva; *Peperomia* sp. e a maior árvore da Ilha que é *Rapanea parviflora* (ADC) Mez. que atinge pouco mais de 5 metros de altura e onde em sua ramagem revestindo-a em parte se acomodava o Liquen: *Usnea barbata* L.; denominada Barba de velho; tendo ainda colecionado outros Liquenes: *Ramalia anceps* Nye; *Pamelia latissima* Fée e *Dichonema sericeum* Mont.; os Fungos dos Gêneros: *Geaster* e *Ganoderma*.

Esta foi a coleção de todo o material botânico conseguido na Ilha da Trindade, abrangendo 67 espécies, inclusive as duas espécies de Fungos e as quatro de Liquenes; em sua maioria se depara serem espécies ruderais ou cosmopolitas, entretanto as espécies endêmicas que expressam o valor dessa flôra das ilhas oceânicas do E. E. Santo, ainda ali existentes e ameaçadas por fatores atmosféricos como já expliquei e ainda pela ação metasomática, levada a efeito pelos animais ali introduzidos, conforme também já assinalei em outro ponto, acredito ter sido esta a maior coleta de material botânico ali empreendido, desde 1700 até agora, pela passagem dos cientistas: E. Halley, R. Copeland, J. D. Hooker e Ross, Challenger e do Museu Nacional em 1916, cujo material pude examinar em 1938. Acredito entretanto que tal número poderá ainda ser acrescido, desde que se possa dar cumprimento as medidas de Proteção e Conservação desse Patrimônio Natural que ali está abrigado, pois a fauna se apresenta ainda mais impressionante; apesar da grande depredação acelerada, pois involuntariamente ou não, o homem que ali aporta, leva sementes em maior número de espécies ruderais, causando uma modificação sinecológica que afetará o habitat sempre mais; essa aliás a razão que me levou a sugerir no Conselho Florestal do E. E. Santo, em 1948, que fosse essa Ilha, considerada Reserva de Proteção e Conservação Natural, como outras já criadas, desde que dali fossem

imediatamente afastados todos os animais domésticos. Nas Ilhas que formam o conjunto Martim Vaz, especialmente na Ilha do Norte, as espécies botânicas ali observadas se restringem há algumas, pois sua constituição é de penhascos vivos e fortes, com uma pequena enseada onde há *Ipomoea pes-caprae* (L) Sweet, Salsa da Praia; *Canavalia obtusifolia* DC., feijão da praia e *Sporobolus virginicus* (L) Kunth. Capim da praia.

